

Folha de S. Paulo

11/06/1995

Sindicato pede solução para caso Sundermann

Ato público promovido por funcionários da UFSCar marca aniversário da morte do casal de sindicalistas de São Carlos

Fernanda Franco

Correspondente em Araraquara

O Sintufscar (Sindicato dos Trabalhadores Técnico Administrativos da Universidade Federal de São Carlos) promove amanhã um ato público no saguão da reitoria da UFSCar.

O objetivo é chamar a atenção das autoridades e população para o inquérito, ainda sem solução, que apura a morte do sindicalista José Luis Sundermann, 37, e sua mulher, Rosa Hernandez Sundermann, 38.

Eles foram mortos com tiros na cabeça no dia 12 de junho do ano passado. Na época, Sundermann era vice-presidente do Sintufscar e Rosa atuava como presidente nacional do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado).

O atual presidente do Sintufscar, Antônio Donizetti da Silva, 32, afirma, em entrevista à Folha, que o crime foi político e pode ter relação com o fato de o casal ter liderado greves de canavieiros da Usina Ipiranga, em Descalvado, em 93.

O delegado seccional de São Carlos, Pedro Luiz Nogueira Zanini, 52, nega ter havido negligência da polícia nas investigações e diz que os sindicalistas estão se precipitando ao fazer afirmações sem mostrarem provas.

A seguir, os principais trechos das duas entrevistas.

Como foi a atuação da polícia nas primeiras horas do crime?

Silva — A gente acha que os policiais pecaram em algumas coisas. Além das fotos do local do crime, que queimaram, achamos que a polícia liberou o local muito rápido. No inquérito, foram ouvidas várias pessoas, inclusive da universidade, amigos, familiares e uns funcionários da Usina Ipiranga, que é de quem a gente mais suspeita. Folha — Por que a Usina Ipiranga?

Silva — Em 93, os bóias-frias da usina Descalvado, procuraram o sindicato pedindo nosso apoio em um movimento grevista. O Zé Luis e a Rosa foram imediatamente inseridos nessa greve e dirigiram o movimento, que durou cerca de um mês, no início da safra. Exatamente um ano depois, justamente no início da safra, eles morreram. Na época do crime já existiam indícios de nova mobilização.

Folha — Quem administrava a Usina Ipiranga? Silva — Ela é arrendada, não sei se ainda é o mesmo dono. Na época era uma família de sobrenome Titoto. Evidentemente, a gente nunca fez acusação direta a ele. A gente só fala o seguinte: os indícios levam a isso. Folha — O Zé Luis falou alguma vez que teria sido ameaçado de morte?

Silva — Ele falava de telefonemas anônimos em que pessoas ligavam e diziam: "Fica na sua". Isso é comum para a gente que é sindicalista, principalmente quando está acontecendo algum movimento grevista.

Folha — Quem da usina Ipiranga foi ouvido? Silva — Dois funcionários e também o capitão Souza, da PM, que comandou o policiamento naquela greve e teve diversas discussões com o Zé Luis. O depoimento do capitão nos deixou indignados porque é contraditório em relação ao dos funcionários da Usina. O advogado pediu acareação, mas até agora a polícia não fez.

Folha — Que tipo de contradição havia nos depoimentos?

Silva — O Zé Luis fez parte da mesa de negociações na greve dos canavieiros e o capitão Souza negou. Os funcionários da usina confirmaram. O capitão tentava dizer que o Zé Luis não significou nada na greve e, portanto, não haveria interesse em promover qualquer tipo de represália. Outro fato muito importante é que a vereadora Julieta Lui, do PT", recebeu uma denúncia anônima dizendo que na época dos crimes um pistoleiro conhecido foi visto na casa do usineiro Humberto Titoto. Até hoje a polícia está tentando ouvir essa pessoa por carta precatória.

Folha — O que vocês fizeram para cobrar maior rigor nas investigações? Silva — Tivemos duas audiências com o ministro da Justiça e com o secretário estadual de Segurança.

Folha — Como agiu a polícia logo que os corpos foram encontrados?

Pedro Luiz Nogueira Zanini — O fato ocorreu durante um plantão de sábado para domingo. A PM foi comunicada de um homicídio, mas quem primeiro compareceu ao local foi o Corpo de Bombeiros.

Folha — O presidente do Sintufscar, Antônio Donizetti da Silva, diz que as fotos tiradas dos corpos queimaram. O que aconteceu?

Zanini — Houve um problema técnico com o filme e ele está anexado ao processo. Só saiu uma foto do casal no local dos fatos. É suficiente e foi feita logo em seguida ao encontro dos corpos. O que importa é a presença dos policiais no local do crime e o levantamento que fizeram.

Folha — O sindicalista critica o fato de o local do crime ter sido liberado muito rapidamente. Qual é o procedimento normal?

Zanini — Não foi liberado. Quem decide quando liberar é o perito. Evidentemente houve diligências preliminares feitas pelo delegado que concluiu o trabalho de perícia.

Folha — Que rumo tomou a investigação logo em seguida? Havia suspeita de crime político na época.

Zanini — Não se pensou em crime político especificamente. Aliás, não pensamos em uma determinada modalidade de crime. Procuramos tudo, principalmente o autor do homicídio. Ele é quem vai nos dar, afinal, o motivo do crime. A polícia nunca faz conjecturas prematuras com base em simples idéias. Nos baseamos exclusivamente em fatos.

Folha — O sindicalista fala da usina Ipiranga. A polícia chegou a ouvir dois funcionários e também o capitão Ricardo de Souza Ferreira que ainda presta serviços à PM?

Zanini — O capitão Souza estava comandando a PM durante o episódio de uma greve em Descalvado, da qual participou o casal. Foi ouvido porque aventou-se a hipótese de que ele teria andado atrás do casal.

Folha — Como estão as investigações atualmente?

Zanini — Todos os caminhos estão sendo investigados. Recentemente mandamos uma carta precatória para o Pará, tendo em vista uma denúncia anônima mandada para uma vereadora de São Carlos (Julieta Lui, do PT). Estamos aguardando resposta.

Folha — A denúncia anônima é de que ele estaria na casa do dono da usina Ipiranga?

Zanini — Tudo isso está sendo investigado pelo SIG (Setor de Investigações Gerais).

Folha — A polícia até hoje não tem um suspeito?

Zanini — Não. Aqueles suspeitos iniciais foram investigados e descartados. A polícia tem se empenhado ao máximo. Se não estivéssemos empenhados já teríamos mandado arquivar o caso.

(Folha Nordeste)